



Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização
nos Países de Língua Portuguesa

ISSN: 1980-7686

suporte@mocabras.org

Universidade de São Paulo
Brasil

Schwartz Mendonça, Onaide; Correa de Mendonça, Olympio
Alfabetização reinventada: o método sociolingüístico - consciência social, silábica e alfabética em
Paulo Freire
Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa, vol. I, núm. 1,
setembro- fevereiro, 2007, pp. 65-79
Universidade de São Paulo
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87910106>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Alfabetização reinventada: o método sociolingüístico – consciência social, silábica e alfabética em Paulo Freire

**Onaide Schwartz Mendonça
Olympio Correa de Mendonça**

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados de pesquisas e práticas de alfabetização, denominadas “Método sociolingüístico: reinvenção do método Paulo Freire”, porque demonstra sua fundamentação sociológica e lingüística, e a ele associa aplicações da Psicogênese da língua escrita, de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, com atividades didáticas dos níveis pré-silábico, silábico e alfabético. Assim, o Método Paulo Freire, transformado em método sociolingüístico, considera a escrita uma análise lingüística em seus diversos graus de consciência: social, silábica e alfabética.

Palavras-chave: Alfabetização, Método Sociolingüístico, Paulo Freire.

Título em inglês: LITERACY RE-INVENTED: THE SOCIOLINGUISTIC METHOD – SOCIAL, SILABIC AND ALPHABETIC CONSCIOUSNESS IN PAULO FREIRE

ABSTRACT

This work presents the results of research and practices of literacy named: “Socio-linguistic method: re-invention of Paulo Freire’s method”, because it demonstrates its sociologic and linguistic foundations, and it associates applications of the Psicogenesis of the written language, by Emília Ferreiro and Ana Teberosky, with didactic activities of the pre-silabic, silabic and alphabetical levels. Therefore, Paulo Freire’s method changed into a socio-linguistic method, considers writing a linguistic analysis in its different degrees of consciousness: social, silabic and alphabetical.

Index Terms: Literacy, Sociolinguistic Method, Paulo Freire

Introdução

A Alfabetização no Brasil vem sendo debatida e os seus métodos questionados pela imprensa. Assim, este trabalho vem atender à demanda urgente de resultados de pesquisas com propostas práticas para contribuir com idéias e soluções capazes de resolver o grave problema que é o fracasso da alfabetização de crianças da escola pública, as quais, ao chegarem à 4ª série do Ensino Fundamental, ainda permanecem analfabetas, como informam os mais recentes censos escolares.

Pretendemos contribuir para a melhoria da alfabetização de crianças, jovens e adultos, apresentando resultados práticos e descobertas da pesquisa denominada “Método sociolingüístico: reinvenção do método Paulo Freire”, porque a esse método associamos aplicações lingüísticas decorrentes da Psicogênese da língua escrita, de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, com a inclusão, em seus passos, das atividades didáticas dos níveis pré-silábico, silábico e alfabético, transformando-o em método sociolingüístico, que considera a escrita uma análise lingüística em seus diversos graus de consciência, a saber: social, silábica e alfabética.

Entretanto, estamos conscientes de que outras ações fundamentais precisam ser desenvolvidas para melhorar a qualificação dos professores, aumentar seus salários, equipar adequadamente as escolas e fazer uma avaliação permanente dos resultados do ensino.

Nossa proposta demonstra que o método Paulo Freire (FREIRE, 1991) está fundamentado na Sociologia e na Lingüística, e já vem sendo implementado, mostrando-se eficaz para alfabetizar crianças, jovens e adultos, com suas técnicas de desenvolvimento da competência fonológica, no conhecimento das correspondências grafo-fonêmicas, para o domínio da leitura e da escrita, de seus usos sociais e para transformar a consciência ingênua do alfabetizando em consciência crítica, sonho do saudoso mestre Paulo Freire.

Para maior esclarecimento dessa proposta, ao final, apresentamos o esquema do Método Paulo Freire, com seus passos associados às atividades didáticas dos níveis pré-silábico, silábico e alfabético, decorrentes da Psicogênese da língua escrita, então transformado em Método Sociolingüístico.

1 Concepção sociolingüística do Método Paulo Freire

De início, apresentamos uma releitura das idéias de Freire, mostrando a atualidade do seu método de alfabetização que, segundo Moacir Gadotti: “A rigor não se poderia falar em “método” Paulo Freire, pois se trata muito mais de uma *teoria do conhecimento* e de uma *filosofia da educação* do que um método de ensino. (...) chame-se a esse método sistema, filosofia ou teoria do conhecimento.” (GADOTTI, 1989, p. 32). Assim, sempre que nos referirmos a este “método” o faremos denotando seu sentido amplo de sistema de ensino e aprendizagem.

Esta releitura levou-nos a inovar na aplicação desta metodologia, quase reinventando o método, como considera possível Gadotti (1989, p. 45): “Pode-se dizer que, aí o Método foi reinventado, pois a ele foram associadas as teorias da pesquisadora Emília Ferreiro sobre aprendizagem da leitura e da escrita.”

Para seqüenciar a exposição dos fundamentos sociolingüísticos do Método Paulo Freire, *apresentaremos seus passos e suas respectivas definições*:

Antes das definições dos passos, faz-se necessário conceituar *palavra geradora*, que é também designação sinônima do Método Paulo Freire, ou seja, Método da palavra geradora, porque é extraída do universo vocabular dos aprendizes, conforme critérios de produtividade temática, fonêmica (palavra composta, preferencialmente, por mais de três sílabas) e do seu teor de motivação e conscientização, e, a seguir, através da decomposição das sílabas e pela sua combinação, são *geradas* outras palavras significativas.

1º CODIFICAÇÃO (conceito próprio de Paulo Freire). Representação de um aspecto da realidade expresso pela palavra geradora, por meio da oralidade, do desenho, da dramatização, da mímica, da música e de outros códigos que o alfabetizando já domina. Ou, ainda, para Gadotti (1989, p. 148): “É a representação de uma situação vivida pelos estudantes em seu trabalho diário e se relaciona com a palavra geradora. Abrange certos aspectos do problema que se quer estudar e permite conhecer alguns momentos do contexto concreto.”

2º DESCODIFICAÇÃO (conceito próprio de Paulo Freire). Releitura da realidade expressa na palavra geradora para superar as formas ingênuas de compreender o mundo, através da discussão crítica e do subsídio do conhecimento universal acumulado (ciência, arte, cultura). Afirmo Gadotti (1989, p. 150): “É um dos momentos mais importantes do processo de alfabetização. Trata-se do exame das palavras geradoras (ou código lingüístico) para extrair os elementos existenciais nelas contidos.”

Este autor integra, ainda, esses dois passos na etapa em que

[...] são codificados e decodificados os temas levantados na fase de tomada de consciência, contextualizando-os e substituindo a primeira visão mágica por uma visão crítica e social. Descobrem-se assim novos temas geradores, relacionados com os que foram inicialmente levantados. (GADOTTI, 1989, p. 39-40)

3º ANÁLISE E SÍNTESE. Análise e síntese da palavra geradora, objetivando levar o aprendiz à descoberta de que a palavra escrita representa a palavra falada, através da divisão da palavra em sílabas e apresentação de suas famílias silábicas na ficha de

descoberta e, a seguir, junção das sílabas para formar novas palavras, levando o alfabetizando a entender o processo de composição e os significados das palavras, por meio da leitura e da escrita.

4^o FIXAÇÃO DA LEITURA E ESCRITA. Este passo faz a revisão da análise das sílabas da palavra e apresentação de suas famílias silábicas para, através da ficha de descoberta, formar novas palavras com significado e para composição de frases e textos, com leitura e escrita significativas.

Uma vez definidas as técnicas do método, ou seja, os passos do caminho criado por Paulo Freire, que levam os aprendizes a se alfabetizarem, estabelecemos sua descrição para explicitá-los.

Os passos da alfabetização que caminham da palavra escrita, apresentada abaixo do desenho gerador, para suas partes, as sílabas, num processo analítico-silábico, por ex.: ESCOLA, ES-CO-LA (ver esquema no final do trabalho), precisam ser precedidos da “codificação” (representação de um aspecto da realidade) e da “descodificação” (releitura da realidade para superar as formas ingênuas de compreender o mundo).

2 Fundamentos sociológicos do Método Paulo Freire nos passos da “codificação” e da “descodificação”.

A “codificação” e a “descodificação” constituem os dois primeiros passos do Método Paulo Freire de Alfabetização, garantindo que a aquisição da leitura e da escrita seja significativa, no sentido de que partem da discussão da palavra geradora, através do diálogo e dos códigos que o alfabetizando já domina, e constituem-se em fase necessária de exploração das potencialidades mentais do alfabetizando, por intermédio das linguagens que devem preceder a técnica de ler e escrever, e que o instrumentalizam para o desempenho social, tendo acesso ao poder de reivindicação, através das habilidades de discutir, tomar a palavra, expor e superar as formas contemplativas (ingênuas) de compreender o mundo.

Este momento é descrito por Smolka (1988, p. 39): “O diálogo se estabelece em torno de um desenho [...] é fundamental ao processo de elaboração, de produção compartilhada do conhecimento”. E continua: “A escola [...] tem silenciado sua fala (do alfabetizando) na repetição em coro de sílabas, palavras e frases desarticuladas, descontextualizadas e, portanto, sem sentido”.

Paulo Freire (1989, p. 11-12) explica:

[...] [O ato de ler] não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas [...] se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Portanto, se o processo de alfabetização, qualquer que seja sua metodologia ou proposta, exclui os passos da “codificação” e da “descodificação”, iniciando-se unicamente pela letra, ou pela sílaba, ou pela palavra, pela frase ou, ainda, mesmo pelo texto, tornar-se-á mecânico, porque tal método ou didática excluem a reflexão sobre a sociedade e o momento histórico em que estão inseridos.

O primeiro passo para a alfabetização é a leitura do mundo ao redor do aprendiz, através da “codificação” da palavra geradora. Por sua vez, os temas que possibilitaram na pesquisa da fala da comunidade a emergência das palavras geradoras, ligadas à realidade do alfabetizando, são codificados a partir do desenho, representando aqueles aspectos da realidade, por meio da linguagem oral e de gestos, códigos estes que os aprendizes já dominam.

O tema é discutido, refletindo a realidade local, o cotidiano, o mundo ao redor, pela representação oral, pictórica, gestual ou musical, produzindo-se textos significativos, como opiniões, relatos, inspiração artística. Para orientar a discussão, o professor pode elaborar um roteiro.

A “*codificação*” é o momento privilegiado em que é dado ao aprendiz o direito à vez e à voz. Além das atividades já citadas, o diálogo entre professor/aluno é imprescindível, pois, através dele, o professor descobre a visão de mundo dos educandos para, no segundo passo, intervir, trazendo conhecimentos científicos que promovam a transformação daquela visão de mundo. A partir do momento em que o aluno tem a oportunidade de falar, e é ouvido pelo professor, sua postura se transforma em sala de aula e o respeito mútuo surge como elemento fundamental na construção da aprendizagem e da disciplina.

Em uma sala onde os alunos não aprenderam a dialogar, haverá um pouco de tumulto, pois, quando questionados pelo docente que encaminha as discussões, todos falarão de uma só vez. Nesse momento, o responsável precisará intervir, esclarecendo que, para todos serem ouvidos, é necessário que, enquanto um fale, o outro ouça,

respeitando o colega. Em poucos dias, o professor colherá o fruto de seu trabalho e haverá harmonia no grupo.

Quem não conhece essa sistemática poderá incorrer no erro de dizer que ouvir os alunos demandará muito tempo e irá atrapalhar as demais atividades. Entretanto, por experiência, afirmamos, com segurança, que o tempo aqui despendido será o maior investimento, pois nada se compara ao respeito que nasce do simples fato do alfabetizando ser ouvido e de se sentir sujeito, e retribuirá na mesma medida.

A “descodificação”, 2º Passo, poderá ser introduzida por um texto, que pode ser científico, ou a letra de uma música, de uma poesia, um artigo de revista ou jornal, um rótulo de embalagem ou outro suporte de texto que trate do tema gerador em estudo, através do qual será feita a releitura de mundo. Nessa releitura, o professor irá orientar a discussão com questionamentos que induzam os alunos à reflexão sobre o tema em debate.

Ao contrário da “codificação”, em que o professor questiona apenas para descobrir o que os alunos sabem/pensam sobre o tema, na “descodificação” o docente questionará para fazer com que reflitam sobre ele e assim cresçam criticamente. Respeitando o horizonte, a ludicidade peculiar à faixa etária, pode-se perfeitamente desenvolver palavras geradoras que agucem o olhar crítico do aluno no tocante a diferentes aspectos da realidade, por exemplo, a necessidade e medidas para alimentação correta, preservação da *natureza*, *higiene* pessoal, *brincadeiras* de risco, escola, respeito e cuidados com *animais* etc.

Esses textos ainda não escritos, constituídos em especial pelo diálogo, dão à “codificação” e à “descodificação” uma perspectiva que vai além do texto, envolvendo os interlocutores.

Tradicionalmente, os materiais didáticos de alfabetização iniciam a alfabetização pela letra, ou pela sílaba, ou pela palavra, ou pela sentença, ou ainda por um texto. Essa metodologia torna-se mecânica, se não for inserida na situação e na intencionalidade do alfabetizando. As primeiras técnicas de escrita precisam estar associadas a uma autêntica oralidade, na qual estes fragmentos se contextualizem. Nesse sentido, a escrita não será mera transcrição da fala, porque estará investida de significação, através da contextualização.

Assim, Paulo Freire só faz a análise e a síntese das sílabas da palavra geradora, depois de retirá-la do contexto onde é produzida, com seu significado em uso real da linguagem. Freire jamais reduziu este passo de seu método à repetição em coro de

famílias silábicas, como ainda ocorre em algumas escolas, em razão de professores acreditarem que, mediante tal prática, a criança irá decorar as sílabas e com isso “aprender a ler”. Freire não tinha tal concepção; para ele, era por meio da análise e síntese que o aprendiz tomaria consciência da existência da sílaba, estabeleceria a correspondência entre fala e escrita e, ao invés de memorizar, compreenderia nosso sistema de escrita alfabético, além de ter a oportunidade de compor novas palavras por meio da ficha de descoberta (composta pela família silábica desenvolvida de cada sílaba de uma palavra geradora).

O próprio Paulo Freire (1989, p. 19) esclarece que

[...] sempre vi a alfabetização [...] como um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador. Para mim seria impossível engajar-se num trabalho de memorização mecânica dos ba-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse enchendo com suas palavras as cabeças supostamente vazias dos alfabetizandos. Pelo contrário, enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito [...] Como eu, o analfabeto é capaz de sentir a caneta [...] A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. [...]. Aí tem [o alfabetizando] um momento de sua tarefa criadora.

Desse modo, *como Freire, não defendemos a leitura em coro de famílias silábicas*, geralmente dispostas em uma seqüência que os alunos decoram sem entender a sua natureza fonológica, mas compreendemos que a apresentação de sílabas e a elucidação de sua composição é procedimento esclarecedor e produtivo, tanto para a separação de sílabas e composição de novas palavras, como na delimitação e decifração das sílabas mais complexas.

A propósito desta questão, detectamos que grande número de escolas particulares que atendem às classes média e alta usa materiais didáticos que seguem, no geral, o nosso esquema, e que estas escolas têm sido eficientes em alfabetizar seus alunos já aos seis anos, inspirando-se em métodos que trabalham a sílaba. Por isso, não vemos razão para exclusão dos métodos na escola pública do Brasil. Segundo Magda Soares (2003, p. 17), na época das cartilhas, havia um método, mas não teoria:

Hoje acontece o contrário: todos têm uma bela teoria construtivista da alfabetização, mas não têm método. Se antigamente havia método sem teoria, hoje temos uma teoria sem método. E é preciso ter as duas coisas: um método fundamentado numa teoria e uma teoria que produz um método. Existe também a falsa inferência de que, se for adotada uma teoria construtivista, não se pode ter método, como se os dois fossem incompatíveis. Ora, absurdo é não ter método na educação. Educação é, por definição, um processo dirigido a objetivos. Só vamos educar os outros se quisermos que eles fiquem diferentes, pois educar é um processo de transformação das pessoas.



O construtivismo teve seu mérito à medida que destronou a cartilha, ao apresentar uma teoria sobre a aquisição da escrita, sendo urgente, entretanto, a adoção de metodologia compatível para a alfabetização, que pode ser o método sociolingüístico, ou seja, o Método Paulo Freire associado às atividades didáticas dos níveis de escrita da Psicogênese da Língua Escrita, de Emília Ferreiro e Ana Teberosky.






3 Fundamentos lingüísticos do Método Paulo Freire: evolução da escrita, fonética e fonologia, sistema gráfico e ortográfico, aspectos lingüísticos da psicogênese da língua escrita no passo da análise e síntese

A Lingüística (ciência da linguagem) contribui para a formação do alfabetizador, porquanto oferece fundamentos necessários à compreensão do processo de aprendizagem e ensino da leitura e da escrita, e das estratégias para a aquisição destas habilidades.

Ainda, é possível refletir sobre as conseqüências das decisões que o educador venha a tomar, sem base nas contribuições da Lingüística, levando ao fracasso da alfabetização na escola pública, nos últimos anos, em que 33% dos alunos da 4ª série do ensino fundamental ainda permanecem analfabetos (índices do SAEB). Uma de suas causas, entre outras, pode ter sido a exclusão da didática silábica na alfabetização, por um equívoco de aplicações da psicogênese da língua escrita.

Isto posto, resumimos as fases pelas quais a escrita passou, até chegar ao ponto em que se encontra hoje, em: *pictográfica*, *ideográfica*, *silábica* e *alfabética*. Na primeira, escrevia-se através de desenhos, os pictogramas. Gravavam-se figuras nas paredes das cavernas, como, por exemplo, o desenho de uma sentinela, de um arqueiro, de um guerreiro ou de um soldado. Através da gravura, poderia ser transmitida a mensagem de que aquela gruta era habitada ou de que por ali teria passado alguém.

Na etapa seguinte, a *ideográfica*, os desenhos foram simplificando-se e passou-se a atribuir a alguns deles um significado convencional: os caracteres afastavam-se das figuras e aproximavam-se do que se tornaria, posteriormente, as letras. Um traço horizontal com uma linha vertical acima do horizonte indicaria “para cima” e, com um traço abaixo do horizonte, indicaria “para baixo”, como no alfabeto chinês  para cima e  para baixo.

Atualmente, quando usamos em uma embalagem as inscrições de flechas, setas ou lanças, no sentido para cima, ou ainda, de uma taça de vidro, ou de um guarda-chuva () , não intencionamos passar a imagem pictográfica, mas sim as idéias de *para cima, frágil, não molhar*. Soldado, que se escrevia  , seria grafado com o ideograma:  , que através da junção dos logogramas sol+dado passaria a idéia de soldado. O momento de desvencilhamento do desenho e da construção das futuras letras poderíamos ilustrar com  , onde o sol perde os raios, o dado, seus pontos, e cria-se um terceiro caractere  , atingindo-se a *fase silábica*, em que se leria sol+da+du.

A seguir, teríamos uma transcrição, na qual se usam as letras que já se afastaram totalmente dos desenhos e aparecem em *escrita silábica*, em que uma letra é suficiente para a pronúncia de cada sílaba oral. Em S D U, seria lido sou+da+du.

A última fase da alfabetização é a *alfabética*, em que, na palavra /s/o/u/d/a/d/u/, o escritor leitor já adquiriu a consciência fonológica e articula as correspondências de cada letra (grafema) com seus respectivos fonemas. Assim, neste terceiro estágio da evolução da história da escrita, as letras usadas para escrever as palavras representam os sons da fala.

Estudos sobre a aquisição da língua escrita, investigando como o aprendiz se apropria dos conceitos e das habilidades de ler e escrever, mostram que a construção desses atos lingüísticos segue um percurso semelhante àquele que a humanidade percorreu até chegar ao sistema alfabético. Esse processo de *reinvenção* da escrita, conforme Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1986), mostra que o aluno, na fase pré-lingüística do caminho que percorre até se alfabetizar, ignora que a palavra escrita representa a palavra falada e desconhece como essa representação se processa. Precisa, então, responder a duas questões: o que a escrita representa, e o modo de construção desta representação.

Nesse estágio, o *nível pré-silábico de escrita*, o aprendiz pensa que se escreve com desenhos, rabiscos, letras ou outros sinais gráficos, e que a palavra assim inscrita representa a coisa a que se refere. Pesquisas recentes apontam para um possível paralelo com a pictografia, em que se exprimia a coisa por meio da gravura. Há um avanço, quando ele percebe que a palavra escrita representa não a coisa diretamente, mas o nome da coisa. Ao aprender as letras que compõem o próprio nome, o aprendiz percebe que se escreve com letras que são diferentes de desenhos.

Em adultos analfabetos, notamos as características desta fase, quando decifram o nome do ônibus, os letreiros, as palavras “Hospital”, “Globo”, quando acompanhadas de seus logotipos. Agem com uma certa autonomia, sem pedir para os outros lerem para eles. São manifestações do variado grau de letramento que a criança e o adulto analfabeto já apresentam, pois não são totalmente iletrados. Para Marcuschi (2003, p. 25), esse letramento

[...] pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, tal como o indivíduo que é analfabeto, mas letrado na medida em que identifica o valor do dinheiro, identifica o ônibus que deve tomar, consegue fazer cálculos completos, sabe distinguir as mercadorias pelas marcas, etc., mas não escreve cartas nem lê jornal [...]

Esse *nível pré-silábico* aparece quando revelam que as palavras são um bloco com significação, que elas não são desenhos e que são formadas por algumas letras iniciais e finais. Às vezes, sabem escrever as letras do próprio nome e as identificam em outras palavras. É comum interpretar o nome do ônibus que precisam tomar, pela letra inicial ou pela final. Quando uma destas letras está obscura, confundem-se e perdem o ônibus. Conhecem algumas sílabas ou letras do alfabeto, de uma maneira fragmentada, não sistemática. Temos intervindo nesse ponto para facilitar o avanço do aprendiz, com a técnica do crachá, em que apresentamos palavras escritas, como o próprio nome, de seus familiares e de personalidades, associando o objeto ou a figura com a palavra escrita, e comparando as letras dos nomes, das iniciais, numa análise ainda pré-silábica.

A passagem para o estágio seguinte, o *nível silábico*, faz-se com atividades de vinculação do discurso oral com o texto escrito, da palavra escrita com a palavra falada. O aprendiz descobre que a palavra escrita representa a palavra falada e, por vezes, pensa que basta uma letra para se poder pronunciar uma sílaba oral. Crianças escrevem “CAL” e lêem “ca-va-lo”, “VC” e lêem “va-ca”, “BOEA” e lêem “borboleta”.

Entre adultos, encontramos alunos que parecem “comer letras” ou usar mais letras do que as palavras requerem. Todavia, esses adultos reconhecem, como palavras, combinações de letras e sílabas com algum significado e as distinguem dos desenhos. Sabem que o abecedário não basta para ler e escrever. Muitos sabem o alfabeto de cor, inclusive com o valor fonético das letras, mas não conseguem combiná-las. Isto pode implicar condutas diferenciadas para orientar crianças que aceitam bem a didática do nível pré-silábico, e adultos que preferem segmentos maiores com significação, caminhando da palavra para a análise das famílias silábicas, concretamente combinadas.

De certa forma, crianças e adultos parecem passar pelas fases pré-silábica e silábica, atingindo finalmente a alfabética. Aqui o aprendiz analisa na palavra suas famílias silábicas e seus fonemas, suas vogais e suas consoantes. Acredita que as palavras escritas devem representar as palavras faladas, com correspondência absoluta de letras e sons. Já estão alfabetizados, porém irão ter conflitos sérios ao comparar sua escrita alfabética e espontânea com a escrita ortográfica, em que se fala de um jeito e se escreve de outro.

A psicogênese da língua escrita apresenta aspectos lingüísticos, quando revela o aprendiz reconstruindo, em poucos meses, as etapas vividas pela humanidade em milhares de anos. É *uma reinvenção da escrita* com a superação de suas fases até vir apropriar-se das habilidades de ler e escrever e, em especial, de seus respectivos conceitos.

O aprendiz, quando supera o nível silábico e atinge *o alfabético*, vendo nas palavras as sílabas e os fonemas combinados, desequilibra-se ao perceber que esta relação biunívoca letra/som, som/letra, na qual a letra representa o som, não ocorre sempre. É o momento em que o educador intervém e mostra que, para o domínio da escrita, o aluno precisa perceber que os sons da fala não são representados sempre biunivocamente, mas que têm relações complexas. Entenderá que se fala de um jeito e se escreve de outro, com base não na transcrição fonética, mas na escrita ortográfica.

Miriam Lemle (1988, p. 17, 21-22 e 24) resume parte destas complexas relações entre fala e escrita, arrolando primeiro as de correspondência entre fonemas e grafemas. Aqui, um só fonema casa-se com uma só letra, “monogamicamente”: fonemas /p/, /b/, /t/, /d/, /f/, /v/, /a/, que correspondem às letras p, b, t, d, f, v, a, como em “pata”, “bala”, “tala”, “data”, “fala”, “vala”, “ala”, em que se confirma a hipótese que o aprendiz formulou para o sistema alfabético, de que cada letra corresponde a um som, e cada som, a uma letra. Todavia, esta relação biunívoca de transcrição fonética só ocorre em poucos casos. Logo aparecerão correspondências complicadas, que podem ainda ser sistematizadas em um segundo conjunto, no qual agrupamos os casos de fonema que se casa com várias letras diferentes, “poligamicamente”: o fonema /s/, que será representado pelas letras ss, ç, c, xc, x, sc, respectivamente “pássaro”, “roça”, “cedo”, “exceção”, “próximo”, “nascer” e, num terceiro conjunto, em que uma letra se casa com vários fonemas diferentes, “poliandricamente”: a letra x representada em “exame” /z/, em “explicar” /s/, em “enxame” /ch/, em “fixo” /ks/.

Além destas relações, há aquelas que constituem as partes arbitrárias da ortografia, que, junto com as variedades dialetais, escapam de qualquer sistematização e, por isso, não constarão destas contribuições, porque exigem, para serem fixadas, consultas e prática permanentes.

Afinal, os aspectos lingüísticos decorrentes da Psicogênese da língua escrita que possibilitam a associação de atividades didáticas dos seus níveis de escrita com os passos do método Paulo Freire mostram que é possível compatibilizar a teoria construtivista com o desenvolvimento desse método.

Depois da fundamentação sociolingüística do Método Paulo Freire, pela qual do contexto se passa ao texto e deste às palavras, e de sua análise e síntese para a descoberta da sílaba e de sua função constituinte de novos vocábulos, e, enfim, para a fixação da leitura e da escrita através da revisão da análise e síntese, apresentamos o esquema, a seguir, com os passos do método original de Paulo Freire, acrescido das aplicações das atividades didáticas dos níveis pré-silábico, silábico e alfabético, transformando-o em Método Sociolingüístico.

4 Esquema para desenvolver a Palavra Geradora

Passos (1º, 2º, 3º, 4º) do Método Paulo Freire associados a atividades didáticas dos níveis pré-silábico(I), silábico(II) e alfabético(III) decorrentes da Psicogênese da Língua Escrita.



ESCOLA

1º) CODIFICAÇÃO da palavra geradora (PG). “Leitura do mundo” – representação da realidade expressa pelo desenho da palavra geradora, através da oralidade, de gestos, da música e de outros códigos que o alfabetizando já domina.

2º) DESCODIFICAÇÃO da PG. Releitura da realidade expressa, ou seja, dos temas gerados pela palavra geradora, através da discussão crítica, inclusive

com subsídios de textos escritos sobre o conhecimento universal acumulado (ciência, arte e cultura).

I. *Atividades didáticas do nível pré-silábico.* Apresentação de textos em variados suportes. Ex: Letra de música, poesia, rótulos, panfletos, documentos, página de livro, revista e jornal para estudo de palavras inteiras e de suas letras iniciais, mediais e finais; dominós associando letras a imagens; localização da palavra geradora escrita no texto gerador. Ex: ESCOLA.

3º) ANÁLISE E SÍNTESE DA PG. Apresentação das famílias silábicas da PG na ficha de descoberta de novas palavras (quadro a seguir):

ANÁLISE: ES-CO-LA

Ficha de descoberta com as famílias silábicas da PG:

AS – IS – OS – US - ES	as – is – os – us - es
CA – QUI – CO – CU – QUE	ca – qui – co – cu – que
LA – LI – LO – LU - LE	la – li – lo – lu - le
-----	-----
A I O U E	a i o u e

SÍNTESE das sílabas a partir da ficha de descoberta para a composição de novas palavras (os alunos juntam as sílabas e compõem as palavras na lousa, realizam a sua leitura e as copiam no caderno):

COLA	CALO	COCA	LEQUE	QUIOSQUE
CUECA	LUA	ELE	ELA	AQUI
AQUILO	ESQUILO	CAQUI	COCO	ISCA
COLOQUE	QUILO	ALI	QUICO	ESCALA

II. *Atividades didáticas do nível silábico.* Exercícios que explorem sílabas iniciais, mediais e finais na composição de palavras; uso de dominós silábicos para formar palavras.

4º) FIXAÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA

III. *Atividades didáticas do nível alfabético.* Leitura e escrita das palavras compostas na síntese das sílabas; ditado de palavras e frases; caça-palavras; palavras cruzadas; transposição oral e escrita do dialeto do aluno para o dialeto padrão; interpretação, produção de frases e textos com significado.

Concluindo, estamos convencidos de que os resultados desta pesquisa, bem como de nossa experiência na alfabetização de centenas de crianças, jovens e adultos ao longo de mais de duas décadas, oferecem alternativa efetiva aos educadores

alfabetizadores, comprometidos com a formação de cidadãos críticos e competentes para construção de uma sociedade mais justa.

Para aprofundamento da formação e capacitação do educador alfabetizador, anunciamos, para breve, a publicação do livro *Alfabetização – Método sociolinguístico: consciência social, silábica e alfabética em Paulo Freire*, no qual tal método está implementado com atividades didáticas desenvolvidas, em amostras, para a produção de material didático de qualidade e de baixo custo.

Referências bibliográficas

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana (1986). *Psicogênese da língua escrita*. Tradução Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas.

FREIRE, Paulo (1989). *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 15. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados.

_____ (1991). *Educação como prática da liberdade*. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GADOTTI, Moacir (1989). *Convite à leitura de Paulo Freire*. São Paulo: Scipione.

LEMLE, Miriam (1988). *Guia teórico do alfabetizador*. 3. ed. São Paulo: Ática.

MARCUSCHI, Luiz Antônio (2003). *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 4. ed. São Paulo: Cortez.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante (1988). *A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo*. São Paulo: Cortez.

SOARES, Magda (2003). A reinvenção da alfabetização. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 9, n. 52, p. 15-21, jul./ago.

Onaide Schwartz Mendonça

Mestre e Doutora em Letras – UNESP, Professora do Depto. de Educação, Faculdade de Ciências e Tecnologia – Presidente Prudente /SP – UNESP

Rua Roberto Simonsen, 305, Presidente Prudente – SP – 19060-900

Fone: (18) 3229-5335

Residência: Rua Mariano Pereira dos Santos, 24 – Jd. das Rosas – Presidente Prudente – SP – 19060-150

Fone: (18) 3221-1493

onaideschwartz66@hotmail.com

Olympio Correa de Mendonça

Doutor em Linguística – USP, Professor aposentado do Depto. de Linguística, Faculdade de Ciências e Letras – Assis/ SP – UNESP

Residência: Rua Mariano Pereira dos Santos, 24 – Jd. das Rosas – Presidente Prudente –
SP – 19060-150

Fone: (18) 3916-5371

olympio@fai.com.br